

OS DIFÍCEIS CAMINHOS PERCORRIDOS PELAS ESCRITORAS BAIANAS (1880-1950): MAPEAMENTO E TEMÁTICAS

Ivia Alves
UFBA

No imaginário brasileiro e mesmo estrangeiro a Bahia é representada não só pela alegria, festa, preguiça, mas também pela liberdade do corpo, pela sensualidade e mesmo sexualidade de suas mulheres. Mas, na realidade, sob o manto da permissividade ou do respeito a todas as expressões individuais e coletivas, está uma Bahia cotidianamente austera, conservadora em suas práticas políticas e sociais, uma cidade vigilante de seu código patriarcal.

E é constatando como essa moldura cultural, de alguma forma, imprime-se nas condições de produção literária é que iremos mapear as escritoras que ambicionaram ultrapassar o espaço doméstico e por isso tiveram que pagar um preço pela opção.¹

Em uma sociedade onde traços culturais tão variados e distintos se misturam não deixa de existir um comportamento provinciano e conservador quanto se trata da mulher e da literata. O comportamento da mulher baiana está permeado — conforme o lugar que ocupe dentro desta sociedade—, de regras e traços de comportamento de uma sociedade agrária (que exige um comportamento recatado e doméstico próprio dos costumes da vida no engenho de açúcar), regras que estão enraizadas não só na classe dominante mas que também orientam o comportamento das famílias de classe alta e média, as quais exigem que a mulher tenha uma "boa formação": escolas religiosas e façam um casamento com bons partidos. Esta sociedade ainda não invadida pela forma de viver das classes baixas e de não brancos (como se dá a partir dos anos setenta) não vai abrir espaço nem reconhecerá o trabalho literário de suas escritoras.

É dentro deste espaço cultural que vamos tentar fazer o primeiro mapeamento das escritoras e o balanço dos temas mais explorados, durante as últimas décadas do século XIX² e a primeira metade do século XX.³

Não se pode deixar de explicitar que o final do século XX para a Bahia é um momento de sobressaltos devido à queda da economia agrária açucareira, à perda do prestígio político na recente República, à falta de perspectivas com a entrada da mão de obra assalariada, de novas tecnologias e indústrias, enfim, da modernidade. As tensões são muito grandes e os sinais de decadência deixam traços muito mais fortes na sociedade do que a incipiente industrialização e urbanização que começa a aparecer. Talvez, por toda essa atmosfera, recrudescam e se perpetuem as regras patriarcais que regiam o comportamento da mulher nos engenhos do recôncavo.

É também nesse momento que se visibiliza, em grande número, a entrada na cena pública de escritoras que se lançam através de publicações ou pelos jornais na arena literária. Se por um lado, poucas escritoras comparecem à cena literária no período do segundo reinado, como é o caso de Adélia Fonseca⁴, autora que dá seus primeiros passos na transição do arcadismo para o romantismo e que não consegue ainda ter uma

¹ O resgate da produção jornalística e literária das escritoras baianas aqui mapeadas (1910-1950) faz parte do projeto "Resgate de textos de escritoras baianas do século XX: percurso intelectual, estudo da produção", financiado pelo CNPq/Nordeste/PIBIC e sob a minha responsabilidade.

² Foi publicada, em 1999, por Lizir Alves, a antologia *Mulheres escritoras na Bahia: as poetisas (1822-1918)* com poemas esparsos resgatados de jornais da Bahia contendo a produção de 34 escritoras do século XIX

³ O projeto acima citado tem como produto final a criação de uma Home Page que irá contemplar o estudo da produção e uma antologia sobre 42 escritoras baianas que publicaram entre 1910 e 1950.

⁴ *Ecos de minh'alma*. Bahia (sic): Tip. Lellis Masson, 1866, com composições escritas entre 1840 e 50.

consciência dos limites que a estética romântica irá impor à mulher e a sua voz); por outro lado, o longo período que se estende entre 1880 a 1940, quando confluem as idéias do positivismo, do republicanismo e da primeira onda do feminismo, revigoram, embora através de uma via de mão dupla, o ímpeto de vir à cena muitas mulheres dos extratos médios e latifundiários, sendo uma constante em suas produções a reivindicação pela instrução feminina.

Durante este período, não podemos deixar de ressaltar duas vigilâncias institucionais sobre o corpo, o comportamento e o pensamento da mulher: a Igreja e a crescente influência das teses da Faculdade de Medicina, sediada em Salvador, que mantêm e reforçam as crenças a respeito da fragilidade e incapacidade da mulher para outros vãos que não sejam relativos à procriação dentro do casamento. Segundo Miriam Leite, que trabalha com o mesmo período, havia um consenso social e religioso "de que sem condições *naturais* de se aperfeiçoar era preciso proteger a mulher dos males da civilização pois, caso contrário, ela correria o risco de se perder" (grifos nossos).⁵

A entrada de qualquer bandeira feminista foi sempre dificultada por essa mentalidade hegemônica, misto de ideologia agrário-burguesa com a regência da Igreja. Algumas autoras que escreveram antes da década de vinte, no entanto, procuraram mostrar que a mulher não era mais a escrava nem subalterna,⁶ e tomaram como bandeira a sua instrução, situação que a fazia desempenhar melhor seu papel de esposa e mãe; de outra forma, elas viam a necessidade da mulher precaver-se se houvesse a falta física por morte ou falência financeira do marido, para não precisar ser socorrida por parentes ricos. Percebemos que muitos folhetins e narrativas curtas escritas por Amélia Rodrigues⁷ e por Anna Ribeiro⁸ foram escritas por esta situação que estava desencadeando a decadência econômica que se abatia nas famílias latifundiárias, seja com a abolição dos escravos, seja como resultado dos grandes endividamentos por parte de várias famílias do recôncavo, que obrigava a membros desses clãs a emigrar para a Salvador em busca de novas formas de sobrevivência.

A cidade encontrava-se entre 1900 e 1930 em fase de transformação urbana, abrindo espaços para a sociedade industrial burguesa e para a mulher moderna, com abertura de avenidas e alamedas, comércio voltado para a moda, cinemas, teatros e festas. Este choque de hábitos e costumes foi amainado pela imprensa, notadamente a religiosa, que se preocupou com a passagem de um comportamento da mulher rural para as solicitações da mulher urbana, vigiando e monitorando seu cotidiano, como se pode examinar através das páginas da primeira revista escrita por mulheres para mulheres, intitulada *A Paladina do lar* (1910-1917).⁹ Mas a revista não só congregava escritoras da classe alta, também muitas autoras instruídas da classe média pobre¹⁰ que já exerciam uma profissão (em geral, professoras) se congregaram em torno da imprensa religiosa e, embora

⁵ LEITE, Miriam. *Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura*. São Paulo: Ática, 1984. Coleção Ensaio, 112. p XV-XVI

⁶ Inclusive se valendo da encíclica de 1880, do Papa Leão XXII, que apesar do conservadorismo, colocava a mulher como companheira do casal apesar de mantê-la sob a guarda do homem.

⁷ No caso em questão está seu livro *Mestra e Mãe*, 1898. O primeiro projeto desenvolvido pela linha do PPGLL foi sobre Amélia Rodrigues. Além de vários artigos, foi publicado o livro Amélia Rodrigues: itinerários percorridos, organizado e apresentado por Ivya Alves (Salvador: NICSA, 1998. 126p. Ainda é objeto de pesquisa para dissertação de Milena Britto (PPGLL).

⁸ Estudo da obra completa e perfil crítico elaborado na dissertação de mestrado (*A bela adormecida das letras baianas: a produção literária de Anna Ribeiro*) (PPGLL, 1998,145p) de Nancy Rita Fontes, que publicou vários artigos sobre a escritora, inclusive no livro organizado por Zahide Muzart, *Escritoras brasileiras do século XIX* (Florianópolis:Ed Mulheres EDUNISC, 1999

⁹ O estudo integral da revista, inclusive com elaboração de catálogo, foi realizado por Aline Paim Oliveira como dissertação de mestrado do PPGLL (*A Paladina do lar: escrita feminina baiana-1910/17*) 300p.

¹⁰ Tomo de empréstimo o termo de Miriam Leite, que o emprega para Maria Lacerda, no livro citado.

orientassem nas páginas da revista a mulher para o casamento, continuaram a propugnar pela instrução da mulher.

Outras escritoras, no começo dos anos vinte, de outras regiões do interior do estado, filhas de fazendeiros, afluíram a Salvador a fim de completar seus estudos no Instituto Normal, trazendo ou sendo renovadas por uma mentalidade mais ventilada. Pelas suas ações e pelos próprios temas são essas mulheres que vão se inserir na luta pelo voto feminino, como Edith Gama¹¹, ou vão trabalhar no ensino médio, como a poeta Eufrosina Miranda ou fundam educandários para moças como Anfrísia Santiago e Henriqueta Catharino. Tem relevância na nesta segunda geração, pelo menos, por seus artigos incendiários Edith Gama, fundadora e presidente da *Liga Babiana pelo progresso feminino*, seção da Bahia.

No entanto, o final da década de trinta entrando pela década de quarenta, recrudescer o conservadorismo no comportamento e nos temas trabalhados por mulheres, que se voltam para as faces do amor e o amor maternal. A grande maioria passa a escrever isoladamente e apenas duas ou três delas ampliam o seu leque temático, chegando a discutir a condição da mulher. São elas: Maria de Lourdes Bacellar¹² e Jacinta Passos.¹³

Quase ao final da década de quarenta, novamente sob a proteção da Igreja, aparece a revista *Presença* que lançará na cena pública as primeiras mulheres que alcançaram completar o ensino superior.¹⁴

Qual será o espaço possível para atuação delas? Quais serão os temas e assuntos que esses limites impõem? Como ousaram se lançar na arena literária baiana e tentaram enfrentar essa posição ideológica tão ambígua?

Submetidas a regras tão invisíveis quanto limites intransponíveis, vamos observar que as condições de produção de seus trabalhos de criação não mudaram muito nos quase sessenta anos deste mapeamento. Se de início, ao final do século XIX, elas para chegar ao espaço público, tinham que vir protegidas pelo aval do pai, irmão ou marido, como acontece com as publicações de uma Maria Augusta Guimarães¹⁵, de uma Anna Ribeiro, outras procuraram o aval de um ou de um grupo de poetas ou críticos, como Adélia Fonseca¹⁶, observamos que mesmo em plenos anos vinte, o mesmo sucederá a Eufrosina Miranda.¹⁷

Também não nos causou nenhuma surpresa quando constatamos que algumas escritoras de extratos médios da sociedade procuraram o protetorado e respeitabilidade necessário através da Igreja a fim de se proteger da crítica acirrada e da má vontade do público leitor. A revista *A Paladina do lar* (1910-1917) ilustra bem essa via de mão dupla. Inicialmente dirigida por Amélia Rodrigues e depois por Maria Luiza de Souza Alves, ambas escritoras de classe média, o periódico acolhia escritoras que vinham colaborando em jornais como dava lugar para as iniciantes. As idéias básicas da revista eram orientar a

¹¹ Maria da Conceição Oliveira está trabalhando com o material para sua dissertação de Mestrado, sob a orientação de Luzilá Gonçalves.

¹² Ma. da Conceição Bandeira fez o estudo da produção poética de Lourdes Bacellar que integrará a Antologia.

¹³ Os principais estudos sobre Jacinta Passos foram realizados por Dalila Machado, e numa perspectiva feminista foi completa o estudo por Franklânia dos Reis Freitas (IC/Pibic) para a Antologia.

¹⁴ A revista *Presença* foi objeto de tese de mestrado, ainda inédita, de Ayeska Paulafreitas (PPGLL, abr.2000, 298p), bem como o estudo da produção das três escritoras.

¹⁵ *Lira dos vinte anos* (1897), publicação póstuma, editada pelo primo, o escritor Eduardo Carigé.

¹⁶ Primeira escritora baiana, sua produção foi abordada em vários artigos escritos para congressos; saíram dois ensaios nas coletâneas: Amor e submissão: formas de resistência da literatura de autoria feminina? Em *Literatura e feminismo: propostas teóricas e reflexões críticas* (Christina Ramalho (org.). Rio de Janeiro: Elo Editora, 1999) e Escritoras do século XIX e a exclusão do cânone literário, em *Metamorfoses: gênero na perspectiva interdisciplinar* (Macedo, Passos, Alves (orgs) Salvador: Neim/Edufba,1998

¹⁷ O estudo da produção da autora integra a *Antologia de autoria feminina*, produto final do projeto que está sendo desenvolvido pela UFBA e que será lançado em Home Page a partir de julho. www.ufba.br/~neim. (bolsista de IC Vania Melina. Solovera)

mulher em seu papel de mãe e de esposa e no seu comportamento no espaço público, monitorando a passagem de comportamento da mulher rural para a mulher urbana. Preocupadas com os excessos provenientes das transformações sócio-econômicas que exigiam da mulher uma freqüente exposição no espaço público para compras, festas, esta tinha que, ao mesmo tempo, dar conta de um perfil comedido, caridoso e religioso. O principal interesse do periódico que se manifestava por artigos e por produções literárias era evidenciar a responsabilidade da mulher, na divisão sexual de tarefas da sociedade burguesa, como mãe, formadora de seus filhos, administradora do lar e companheira do marido. Se as colaboradoras da revista tinham espaço respeitável para escrever, nem tudo podia ser escrito, pois deviam seguir as regras ético-religiosas da Igreja que neste momento lutava com afã para não perder seus adeptos e colocava sob a responsabilidade da mulher a formação religiosa da família.

Também não nos pareceu um acaso que nos fins dos anos quarenta, dentro de um novo formato, mas perdurando o princípio de que o papel da mulher está no vínculo indissolúvel do casamento e na formação dos filhos, venha pelas mãos da Igreja, nova publicação — a revista *Presença*, a qual será o passaporte para as jovens profissionais liberais da época. Essa atitude conjunta das futuras profissionais e da Igreja servia como uma intervenção na sociedade ao mesmo tempo que a revista servia de vitrine para restaurar a confiança da sociedade nesses futuros profissionais e seus pensamentos. São cerca de dezoito universitárias que colaboram nesta revista de título tão sintomático no pós-guerra: *Presença: revista para moças*.¹⁸ Se elas não escaparam da vigilância da Igreja, pelo menos conseguem se posicionar, exigindo que a jovem da atualidade abra espaço para os problemas cotidianos, a leitura de filosofia e outras áreas, não se limitando, apenas, ao bordado e a receitas da arte de cozinhar.

A revista propunha-se a subsidiar intelectualmente a mulher moderna, investindo na sua capacitação intelectual, procurando ampliar seus horizontes para os principais problemas do pós-guerra e da guerra fria. Contando com ensaios e artigos de autoria feminina na área da história, biblioteconomia, filosofia, artes e literatura, as universitárias colaboraram em quase todas as seções, embora ainda seja grande o número de textos escritos por homens e por religiosos.¹⁹ A profissional que, posteriormente, seguiu carreira literária, porém no exterior, foi Lavinia Machado.²⁰ Os beneditinos foram a principal ordem religiosa a acolher desde os anos dez até os anos cinquenta as gerações de mulheres que estariam mais em contato com as ondas feministas. Diminuindo o ímpeto de suas declarações, eles estavam a frente e monitorando as idéias dessas escritoras diante do impacto do feminismo.

Não poderíamos deixar de situar, entre os anos trinta e quarenta, a atuação da jornalista Maria Dolores (pseudônimo) que durante treze anos manteve no jornal *O Imparcial*, uma seção semanal intitulada "Página feminina", coluna que se dedicava a comentar fatos do cotidiano sob a perspectiva da mulher, complementando a seção com poemas de sua autoria e de muitas outras escritoras iniciantes.²¹

Pelas restrições do ambiente cultural, a vigilância da sociedade e da Igreja, a maioria das escritoras baianas não são transgressoras, preferem seguir temáticas como a da

¹⁸ A revista *Presença* foi objeto de tese de mestrado de Ayeska Paulafreitas (PPGLL, abr.2000, 298p), bem como o estudo da produção das escritoras., reunidas em catálogo.

¹⁹ Até 1930, são poucas as escritoras que conseguem emergir no cenário literário sem esses patronatos. De uma maneira ou outra, aparece em todos os materiais coletados, mesmo os textos escritos em 1948, uma certa consciência de que essas escritoras estavam entrando em um campo minado de críticas e de limites, do qual não faziam parte nem seriam tratadas da mesma maneira como seriam seus companheiros masculinos.

²⁰ Lavinia Machado tem estudo isolado que integrará a Antologia.

²¹ Este trabalho ainda sendo realizado pelas bolsistas Carla P Santana, Margarete de Carvalho e Elma S de Assis

"mística feminina" da maternidade, descrever as faces do amor burguês, comentar a responsabilidade da família para a mulher ou "falar" sobre a natureza.

As raras autoras que ultrapassam este umbral, colocam disfarçadamente sua crise existencial ou sua indignação sobre a "condição da mulher". Duas delas, que começaram a escrever na década de vinte, Lourdes Bacellar²² e Jacinta Passos²³ desviam-se de uma temática mimética às regras e à divisão sexual de tarefas construídas para a mulher. A primeira, pelos próprios problemas pessoais, investe na subjetividade e no questionamento da vida e morte; a segunda, por abraçar o comunismo, amplia sua visão de mundo para a condição humana e da mulher.

Quanto às temáticas trabalhadas, no geral, são, com algumas modulações, as mesmas que já vinham sendo experimentadas ao longo do século passado. Principalmente na poesia, constatamos como a construção burguesa do feminino foi incorporada e internalizada pela grande maioria dessas escritoras, que publicaram no século XX. Foram deixadas de lado por elas, algumas produções isoladas que apareceram no século XIX e que de alguma forma dialogavam, em outro registro (uma espécie de contra-discurso) com as representações da mulher em textos masculinos. Também não houve maior aproveitamento da antropomorfização da natureza para expressar o desejo amoroso e sensual da mulher que eram discursos interditos para a escrita de autoria feminina. Podemos chegar, até aqui, em nosso mapeamento, a conclusão que a literatura de autoria feminina, na Bahia, internalizou a construção burguesa para o papel feminino, fato que não deixou espaço para que essas escritoras tentassem transgredir o seu "destino". Mesmo sem haver índices (como documentos, cartas, ou epígrafes) de que as escritoras da primeira metade do século tenham lido as produções das gerações anteriores, elas fazem perdurar as trilhas abertas pelas suas antecessoras.²⁴ Algumas vezes, elas acentuaram mais os temas relacionados à maternidade, ao amor e à natureza do que as autoras do século anterior, embora descartem as raras incursões de diálogo com as representações masculinas.

Nesta primeira visão de conjunto da produção escrita por mulheres baianas, parece que as primeiras escritoras e suas sucessoras aceitaram e se adequaram ao padrão exigido pelas normas da sociedade burguesa e de uma sociedade culturalmente conservadora como a da Bahia.²⁵

Observamos, também, que se as produções editadas até 1950 guardam entre si uma equivalência quanto a temas, não ocorrerá o mesmo quando se trata do estilo. Bem verdade é que adentram até a metade do século XX, as narrativas curtas melodramáticas, com final exemplar, talvez mimeticamente seguindo a incidência de leituras de folhetim e coleção de romances apropriados às jovens, mas algumas na poesia, ousadamente, exploram o verso livre. Vale salientar que a Bahia foi até os anos cinquenta refratária a qualquer inovação modernista, basta apenas passar os olhos nas produções poéticas masculinas da época.

Curiosamente, recuperando a trajetória de vida dessas autoras que vinham atuando desde os anos quarenta/cinquenta, nos deparamos com mudanças e transgressões

²²Conceição Bandeira, em sua monografia de especialização, estudou a autora que passa a integrar a Antologia.

²³ Os principais estudos sobre Jacinta Passos foram realizados por Dalila Machado, e numa perspectiva feminista foi completado por Franklânia dos Reis Freitas (IC/Pibic) para a Antologia que está sendo preparada pelo projeto.

²⁴ Situação presente nos textos de Anna Ribeiro, Adélia Fonseca e Amélia Rodrigues.

²⁵ De quarenta e duas escritoras com livros publicados e com exemplares existentes nas bibliotecas de Salvador, foram recuperadas, até o momento, a vida e a obra das seguintes: Honorina Galvão Rocha, Aurea Miranda, Edith da Gama Abreu, Edyla Mangabeira, Emília Leitão Guerra, Eufrosina Miranda, Hildete Jezler Favila, Jacinta Passos, Lavínia Machado, Maria Augusta Bittencourt, Maria de Lourdes Bacelar, Maria Dolores, Maria Feijó de Sousa Neves, Maria Luiza dos S. Varjão, Valdelice Soares Pinheiro que constarão da Antologia.

nas suas histórias de vida, "normas" tão acatadas na criação literária. Para citar apenas os extremos ilustrar as vidas de Maria Luiza Varjão²⁶ como também de Lavinia Machado²⁷ dá uma idéia de que uma subterrânea transformação estava surgindo e que irá repercutir na geração de escritoras dos anos sessenta.

²⁶ O estudo de sua produção édita e inédita da autora irá integrar a Antologia.

²⁷ Foi recorrente nas entrevistas realizadas a idéia de que a atmosfera de Salvador estrangulava qualquer pensamento ou experiência que transgredisse a mentalidade conservadora da camada hegemônica baiana; muitas delas preferiram sair da cidade para outras mais abertas e ventiladas. Situação que aconteceu com Edyla Mangabeira, Lavinia Machado e mais recentemente com Helena Parente Cunha e Sonia Coutinho.